

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

MARCIO FELIX JOBIM

O PRIMEIRO ARGUMENTO DE *CÁRMIDES*

PORTO ALEGRE

2019

MARCIO FELIX JOBIM

O PRIMEIRO ARGUMENTO DE *CÁRMIDES*

Trabalho de conclusão de curso apresentado para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia, pelo Curso de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Dr. Raphael Zillig

AGRADECIMENTOS

Não sem esforço este curso foi cumprido.

Pela ajuda no equilíbrio aos compromissos profissionais, agradeço aos colegas do escritório *Jobim & Salzano Advogados*, o fazendo na pessoa de Cassio & Marco, sócios fraternos; pelo incondicional apoio e pela serena compreensão em vista das minhas não poucas eventuais faltas, agradeço a minha amada Rosana, sem a qual nada teria sentido.

Igualmente não foi cumprido este curso sem prazer.

Este prazer derivou da qualidade humana e epistêmica dos mestres com os quais tive a felicidade de estudar. Gostaria de nominá-los um a um, e agradecer a todos, mas o faço em nome da professora Dra. Lia Levy e do professor Dr. Paulo Faria, que, por primeiro, estimularam esta pesquisa, em nome do professor Dr. Gerson Louzado, que, arguindo, refutou *elencicamente* suas principais teses, e, sobretudo, em nome do meu orientador, professor Dr. Raphael Zillig, síntese de excelência acadêmica e “*de uma certa quietude*” admirável.

Não saberia determinar de onde advém meu interesse pela Filosofia, mas posso afirmar que não deriva do acaso. Talvez, esta necessidade de entender, que é comum a todos, tenha, de certa forma, encontrado campo fértil no terreno familiar rico e complexo semeado por meu pais, Ana & Bona, a quem, por tudo e sempre, agradeço.

Por fim, dedico este breve estudo aos meus filhos, Benício & Angelina, paridos durante esta formação e que, diariamente, me inquietam com tantas questões que jamais saberei responder.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar o procedimento de investigação de Sócrates nos primeiros diálogos de Platão, analisando o primeiro argumento de Cármides no diálogo homônimo de Platão.

Palavras-chave: diálogo socrático, método elêntico, argumentação, Cármides, Platão.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. O método, ou o procedimento de investigação nos diálogos socráticos.....	9
2.1. O tripé procedimental das investigações socráticas.....	10
2.1.1. Aspectos sintáticos/lógicos das perguntas socráticas.....	11
2.1.2. A busca de definições.....	15
2.2.3. O uso de argumentos.....	17
2.2. Da inconsistência à falsidade: o problema do <i>elenchus</i>	18
3. Análise do primeiro argumento de <i>Cármides</i>	22
3.1. Apresentação do argumento elêntico “ <i>temperança como uma certa quietude</i> ” (159b5-6)	22
3.2. Avaliação do argumento elêntico “ <i>temperança como uma certa quietude</i> ” (159b5-6).....	25
3.3. Reenquadramento da questão posta	27
4. Conclusão.....	34
5. Referências bibliográficas.....	37

1. Introdução

Este trabalho - deixe-se saber, desde o princípio - não se alça à pretensão de *compreender* o diálogo platônico *Cármides*.

Já se disse que a leitura compreensiva de um diálogo platônico envolve problemas que são variados e complexos¹. José Trindade Santos², com bastante razoabilidade, ressalta que para se chegar à compreensão de um diálogo platônico, se haveria de se realizar duas tarefas complementares: “a primeira consiste na *elucidação do seu conteúdo e estrutura, analisando o argumento e inserindo-o na unidade do texto, constituída pelos elementos dramáticos e metodológicos (...) que definem o contexto dialéctico do diálogo. A segunda complementa a anterior, tentando integrar o diálogo no Corpus, pela exploração das suas relações temáticas com as outras obras.*”

Antes, o objetivo deste trabalho é muito mais modesto e pretende, após uma breve apresentação de qual seria, em linhas gerais, o *modus* pelo qual Sócrates procede genericamente suas investigações nos primeiros diálogos platônicos, investigar a estrutura lógica do primeiro argumento elênctico em *Cármides*.

O *Cármides* é um diálogo de Platão que se ocupa com a definição do que seja σωφροσύνη, virtude moral que costuma ser traduzida por *temperança*, sendo considerado um dos diálogos do período inicial de Platão³, também chamados de *diálogos socráticos*, justamente para realçar a maior influência do pensamento de Sócrates na filosofia platônica⁴. Por certo que não serviria a expressão “diálogos socráticos” para indicar a presença de Sócrates nos

¹ DESJARDINS, Rosemary. Why Dialogues? Plato's Serious Play. In: GRISWOLD, Charles L. (ed.). Platonic Writings/Platonic Readings. Pennsylvania State University Press, p. 110.

² SANTOS, José Trindade. Introdução, p. 5. In: PLATÃO. Teeteto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

³ Os diálogos de Platão não possuem datação, e possuem poucas referências a eventos históricos, de forma que sua ordenação é difícil e objeto de muita disputa. Existiram avanços a partir da adoção do método estilométrico e da aceitação, praticamente universal, de que *As Leis* seria a última obra de Platão, a corroborar a tradição reportada por Diógenes Laércio, de que Platão não teria publicado esse diálogo. Com isso, aos estudiosos de Platão foi dado um critério mais objetivo para a ordenação dos diálogos. No entanto, o resultado da ordenação realizada pelos diferentes estudiosos parcialmente discorda e parcialmente concorda entre si. As listas coincidem com maior frequência nos diálogos mais tardios do que os do período inicial. Para uma melhor compreensão deste problema, leia-se: ROSS, David. Plato's theory of ideas. Chapter I - The order of the dialogues. 1-10. Oxford, Clarendon Press, 1951.

⁴ Neste sentido, lê-se na dissertação de mestrado de Otavino Candido de Paula Neto, O exame socrático (εφξεπτασιν) da temperança (σωφροσύνη) no Carmides de Platão, São Paulo, USP, 2014, p. 12: “Assim, os diálogos de juventude de Platão foram justamente chamados diálogos socráticos para expressar a impressão de que nestes a presença da filosofia de Sócrates é fortemente pronunciada”.

textos, visto que, se assim fosse, todos os diálogos platônicos, com exceção de *As leis*, seriam socráticos.

Especula-se, na evolução do pensamento estampado nas obras de Platão, a existência de três fases distintas de diálogos, as quais partiriam de uma maior influência de Sócrates em direção a um pensamento autônomo de Platão⁵.

Os critérios dessa distinção envolvem a catalogação de determinadas teses, bem como seu rastreio no decorrer do *corpus* platônico. Nesse ponto, manifesta-se a existência de certas suposições que a pesquisa de método genético pressupõe, quer dizer: a ocorrência de uma evolução do pensamento de Platão, que partiria de um período em que estaria mais suscetível à influência de Sócrates, rumo a teses próprias que demarcaram um pensamento autônomo.

Como nenhuma obra escrita é atribuída a Sócrates (469/399 a.C.), suas investigações e, sobretudo, seu método foram-nos legados mediatamente, por meio de obras de seus discípulos e contemporâneos.

Dentre os perfis intelectuais de Sócrates legados pela tradição, o que assume, indiscutivelmente, maior relevância foi o de Platão, visto esse, além de ter sido discípulo daquele, ser considerado um dos mais brilhantes filósofos de todos os tempos – aqui se relembre o pensamento de Alfred Whitehead, para quem a história da filosofia não passaria “*de uma sucessão de notas de rodapé da obra de Platão*”⁶ -, além daquele ser o personagem praticamente onipresente nos seus diálogos.

A relevância dada ao Sócrates platônico em detrimento a de outros testemunhos, a saber, o de Aristófanes, nas *Nuvens*, o de Xenofonte, ou o disperso nas análises de Aristóteles em sua obra, repousa mais na complexidade e na robustez da obra de Platão, do que propriamente em uma

⁵ A divisão cronológica dos diálogos elaborada por Gregory Vlastos foi esta: (I) os diálogos do período inicial seriam divididos em duas fases, compondo a primeira (a) *Apologia de Sócrates*, *Cármides*, *Críton*, *Eutifro*, *Górgias*, *Hippias Menor*, *Íon*, *Laques*, *Protágoras*, *República Livro I*, chamados de diálogos elênticos, e a segunda (b) *Eutidemo*, *Hippias Maior*, *Lisis*, *Menexenus*, *Menon*, chamados de diálogos de transição; (II) os diálogos do período médio compostos por *Crátilo*, *Fédon*, o *Banquete*, *República Livros II-X*, *Fedro*, *Parmênides* e *Teeteto*; e diálogos do período final como sendo *Timeu*, *Critias*, *Sofista*, *Político*, *Filebo* e *Leis*. VLASTOS, Gregory. *Socrates, Ironist and Moral Philosopher*, Ithaca: Cornell University Press, 1991, p. 46-47.

⁶ No original: “The safest general characterization of the European philosophical tradition is that it consists of a series of footnotes to Plato”. WHITEHEAD, Alfred North. *Process and reality*. New York: Free Press, 1979, p. 39.

pretensão de genuinidade em relação a Sócrates⁷. Pertinente, nesse ponto, registrar a observação de Louis-André Dorion⁸, no sentido de que “*a galeria dos diferentes retratos de Sócrates não se limitou à antiguidade, tendo se enriquecido de modo ininterrupto depois da Renascença, a tal ponto que é justo se afirmar que ‘cada época deve recriar seu próprio Sócrates’*”.

Dessa forma, deve-se ter em vista que, ao se pesquisar o que seria o procedimento socrático de investigação, toma-se como referente o Sócrates platônico, e não o Sócrates histórico.

O ponto deste trabalho será demonstrar que o debate acerca da definição do que seja a temperança está a serviço de outra discussão proposta por Sócrates, que ficará manifesto com o reposicionamento do início do argumento, por meio da identificação da tese que está sendo testada pelas definições.

O trabalho será dividido em duas partes: na primeira serão apresentados os traços gerais da metodologia socrática; na segunda será realizada uma análise do primeiro argumento socrático, com o reposicionamento do princípio do raciocínio seguido por Sócrates.

⁷ Neste sentido, leia-se BRICKHOUSE, Thomas C. and SMITH, Nicholas D. Socrates. *In*: SHIELDS, Christopher. *The Blackwell Guide to Ancient Philosophy*. Wiley-Blackwell, 2003, p. 54-69, *passim*.

⁸ DORION, Louis-André. *Socrate*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004, p. 124. No original, lê-se: “La galerie des différents portraits de Socrate ne prend pas fin avec l’Antiquité. Après une certaine interruption au Moyen Âge, elle s’enrichit de façon ininterrompue depuis La Renaissance, à tel point que’il est tout à fait just d’affirmer que ‘*chaque époque doit recréer son propre Socrate*’”. Essa última citação, dentro do texto de Dorion é de C.C.W. Taylor. *Socrates*. Oxford, 1998, p. 100.

2. O método, ou o procedimento de investigação nos diálogos socráticos

Atualmente, a expressão “*método socrático*” passou a significar qualquer pedagogia conduzida por meio de perguntas e respostas, por oposição da pedagogia conduzida pela forma de seminário⁹. Esta expansão semântica deveu-se, sobretudo, às inovações didáticas no ensino do Direito no âmbito da Harvard Law School, propostas professor Christopher Columbus Langdell, que, no ano de 1870, sugeriu que os professores deveriam parar de ensinar a partir de textos didáticos que resumiam o Direito, e passassem a atribuir aos alunos a responsabilidade de ler e discutir as fontes originais, o que, no sistema de *Common Law*, compreende os próprios casos jurídicos¹⁰, desenvolvendo, então, um método de ensino também chamado de método do caso ou método de Langdell¹¹.

O modo de investigação de Sócrates dos primeiros diálogos de Platão é denominado de método elênctico e consiste no questionamento e na refutação de crenças assumidas pelos seus interlocutores. Charles M. Young¹² historiografia o termo grego *elenchus*, traçando as linhas gerais de seu desenvolvimento semântico:

Será útil trazer à mesa parte da história do termo “elenchus” e de seu verbo cognato “elenchô” (seguindo Leshner, 2002). “Elenchus” começa sua carreira com o sentido de “vergonha” ou “desgraça”, do tipo que tipicamente ocorre quando se fracassa em um teste atlético ou de guerra: “será, pois, uma desgraça (elenchus) se Heitor do elmo brilhante capturar os navios” (Il. XI, 314-315). Mais tarde, o sentido passou da ideia de vergonha ou de desgraça por si à ideia dos testes nos quais se incorria ou se evitava a vergonha e a desgraça: “o arco não é um teste (elenchus) para um homem: é uma arma de covarde”

⁹ Neste sentido SCOTT, Gary Allan. Introduction, p. 1. *In*: Does Socrates have a method? Rethinking the elenchus in Plato’s dialogues and beyond. SCOTT, Gary Alan (edited). Does Socrates have a method?: rethinking the elenchus. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2012.

¹⁰ Ao contrário, no sistema de Civil Law, as fontes originais do Direito são as leis, e não os casos.

¹¹ Para uma visão panorâmica das propostas inovadoras do professor Langdell, ver GERSEN, Jeannie Suk. The socratic method in the age o trauma. *In*: https://harvardlawreview.org/wp-content/uploads/2017/10/2320-2347_Online.pdf, acesso em 02.12.2019.

¹² YOUNG, Charles. O elenchus socrático. *In*: BENSON, Hugh (organizador). H. Platão. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 67.

(Eurípides, Hércules 162). Subsequentemente, o sentido se expandiu de modo a incluir testes ou competições outros que os de guerra ou de estilo marcial: por exemplo, o teste dos méritos de um poema pela opinião pública (veja, por exemplo, Píndaro, N. VIII.20-1). Pela metade do século V a.C., o termo começou a designar comumente qualquer tipo de exame da verdadeira natureza de uma pessoa particular ou de uma coisa (veja, por exemplo, Ésquilo, As suplicantes, 993). Então a palavra passou a ser usada de modo mais restrito para o exame do que uma pessoa dizia de verdadeiro ou falso (veja, por exemplo, Heródoto, História II.215) ou para o resultado negativo de tal exame (veja por exemplo Grg. 473b9-10).

Ressaltando o uso forense do termo *elenchus*, Hayden W. Ausland¹³ anota que:

O verbo elenchein significa primariamente "impugnar a honra" de uma pessoa ou de suas ações ou palavras. Na dicção poética inicial, um elenchus ~ (neutro) ou elencheie (feminino) é consequentemente uma reprovação moral - geralmente dentro dos termos de uma ética caracteristicamente marcial. O uso mais técnico posterior do substantivo masculino elenchus deve ser entendido em conformidade com contextos forenses, onde se refere mais estritamente a refutar as pretensões de um antagonista, testando-as ou colocando-as à prova. O uso do termo na literatura socrática é claramente pelo menos moldado por esse pano de fundo, tanto geral como especialmente.

No entanto, apesar do uso corrente da expressão “método socrático”, não há unanimidade dentre os eruditos se o Sócrates de Platão procederia de acordo com qualquer método, ou se seguiria um conjunto de métodos, e sequer se este eventual método seria originário de Sócrates, ou se este teria dele se apropriado¹⁴.

2.1. O tripé procedimental das investigações socráticas

¹³ AUSLAND, Hayden W. Forensic characteristics of socratic argumentation. In: SCOTT, Gary Alan (edited). Does Socrates have a method?: rethinking the elenchus. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2012, p. 37.

¹⁴ SCOTT, Gary Allan. Introduction, p. 1-2. In: Does Socrates have a method? Rethinking the elenchus in Plato's dialogues and beyond. SCOTT, Gary Alan (edited). Does Socrates have a method?: rethinking the elenchus. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2012.

A despeito dessas irresolutas polêmicas, é possível se identificar que o modo de proceder das investigações socráticas dá-se por meio de três características¹⁵: a *primeira* diz respeito à colocação de questões para seu interlocutor; a *segunda* diz respeito à busca de definições; a *terceira* diz respeito ao uso de argumentos no curso do diálogo.

2.1.1. Aspectos sintáticos/lógicos das perguntas socráticas

Gerasimos Xenophon Santas constata, com correção, que uma das características mais marcantes do Sócrates platônico é a incessante colocação de perguntas: em suma, Sócrates é um perguntador de marcar maior. Gerasimos Xenophon Santas¹⁶ exprime assim este ponto:

Nada é mais característico de Sócrates do que falar, e nada é mais característico de suas conversas do que fazer perguntas. Sócrates está fazendo perguntas o tempo todo. Ele cumprimenta as pessoas com perguntas, ensina e as refuta com perguntas, deixa-as com perguntas - ele realmente fala com elas com perguntas.

Gerasimos Xenophon Santas¹⁷ analisa aspectos lógico-sintáticos das perguntas socráticas, partindo de noções básicas desenvolvidas por Nuel D. Belnap¹⁸, na investigação da lógica das perguntas, segundo o qual: “*toda*

¹⁵ Estas características estão no capítulo denominado Socratic Method, no livro de SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 57-179.

¹⁶ SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 59. No original, lê-se: “Nothing is more characteristic of Socrates than talking, and nothing is more characteristic of his talks than asking questions. Socrates is asking questions all the time. He greets people with questions, he teaches and refutes them with questions, he leaves them with questions – he actually talks to them with questions.”

¹⁷ Gerasimos Xenophon Santas apresenta ainda outros dois eixos a partir dos quais acredita que deveriam ser formuladas questões acerca das questões socráticas: (i) a pragmática dos questionamentos socráticos, que envolveria colocar perguntas sobre quem são as pessoas questionadas por Sócrates, em qual o contexto os questionamentos ocorrem, como é Sócrates enquanto questionador, e quais seriam as pressuposições de Sócrates ao questionar as questões que questiona; e (ii) a semântica das questões socráticas, que lidaria com a indagação sobre o que seriam as questões de Sócrates, quais seriam as pressuposições das suas questões, e se suas questões são válidas, pelo menos em relação ao valor de verdade das suas pressuposições SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 66.

¹⁸ BERNAP, Nuel D. An analysis of questions: preliminary report. Santa Monica, California, 1963, p. 13. *Apud* SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. “The arguments of the philosophers. London and New

pergunta é completamente determinada pela especificação, primeiro, das alternativas que apresenta e, segundo, pelo requerimento que é feito ao respondente/entrevistado em relação a essas alternativas.”

Esses dois conceitos mobilizados por Belnap dizem respeito, portanto, à apresentação de alternativas de resposta à pergunta e dos diferentes tipos de requerimentos que devem ser preenchidos por cada uma das alternativas para verificar qual pode ser incluída como uma possível resposta, sob o pressuposto de que *“da inspeção de características sintáticas da pergunta, deve ser possível dizer efetivamente se um dado candidato é ou não é uma resposta direta a esta questão”*¹⁹.

Santas oferta uma amostra de trechos dos diálogos socráticos, demonstrando que Sócrates, efetivamente, tinha a prática de apresentar alternativas ao interlocutor, determinando a pergunta pela especificação de alternativas. No primeiro argumento elêntico em *Cármides*, que será infra analisado, Sócrates claramente apresenta duas alternativas de resposta à pergunta no trecho 159C: “E como é mais bonito para um professor de primeiras letras: escrever as letras com rapidez ou devagar?”²⁰

Além de apresentar alternativas, uma pergunta também faz um requerimento referente a estas alternativas. Segundo a resenha que Santas faz da proposta por Belnap, esse propôs que uma pergunta pode fazer um de três possíveis requerimentos: pode requerer que o respondente selecione a única resposta correta, ou que ele dê uma lista de alternativas verdadeiras, ou que ele dê qualquer uma das alternativas corretas. Belnap ilustra estes requerimentos com estes exemplos:

Qual número primo está entre 10 e 20?

Quais números primos estão entre 10 e 20?

York: Routledge, 1999, p. 72. No original, lê-se: *“every question is completely determined by specifying, first, the alternatives it presents, and, second, the request it makes of the respondent concerning these alternatives.”*

¹⁹ HARRAH, David. Review. Nuel D. Belnap Jr., An analysis of questions: Preliminary report. Technical Memorandum 1287, System Development Corporation, Santa Monica, 1963. *Journal of Symbolic Logic*, 37(2), 1972, p. 420.

²⁰ PLATAO. *Cármides*. Lísis. Tradução de Carlos Alberto Nunes; editor convidado Plínio Martins Filho; organização Benedito Nunes & Victor Sales Pinheiro; texto grego John Burnet. 3. Ed. rev. e bilíngue. Belém: ed.ufpa, 2015, p. 53.

Qual um exemplar de número primo que ocorre entre 10 e 20?²¹

Segundo Santas²², o valor da análise de Belnap, ao distinguir os dois fatores que especificarão uma pergunta – as alternativas que apresenta e os requerimentos que a resposta exige - está em nos capacitar para entender melhor a forma de algumas das perguntas mais importantes de Sócrates.

A segunda classificação apresentada por Santas é entre as perguntas dialéticas ou “perguntas-Se” (*whether-question*) e as perguntas não-dialéticas ou as “perguntas-O-que-é-isso?”, também chamada de “perguntas-Qual” (*which questions*). A distinção entre elas era, tradicionalmente, feita a partir do número de alternativas apresentada: enquanto que, na primeiras, o respondente tem um número finito de alternativas que são explícitas, nas segundas, o número de alternativas é infinito ou, pelo menos, indefinido.

As perguntas dialéticas (ou as “perguntas-Se”), com suas finitas alternativas de resposta, terão como pressuposto o fato de que elas fazem parecer que o respondente deve fazer uma escolha entre as alternativas apresentadas, que são limitadas e sabidas de antemão por quem pergunta²³.

Já as perguntas não-dialéticas (ou as “perguntas-O-que-é-isso?”) deixam bastante espaço para quem responde, na medida em que as alternativas são supostamente infinitas e, portanto, desconhecidas para quem pergunta.²⁴

Apesar de manter a nomenclatura, Belnap²⁵ faz a classificação entre as perguntas-Qual (*which-questions*, semelhante às “perguntas-O-que-é-isso? ou perguntas não-dialéticas) e as perguntas-Se (*whether-questions*, ou perguntas

²¹ Apud SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. “The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 73-74.

²² SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. “The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 73-74

²³ SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. “The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 75.

²⁴ SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. “The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 75.

²⁵ BERNAP, Nuel D. An analysis of questions: preliminary report. Santa Monica, California, 1963, p. 37-38. Apud SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. “The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 75. No original, lê-se: “*the manner of their presentation: they are either explicitly mentioned in the question or else they are described by reference to some condition. (A condition is a statement form, with variables holding the place of nouns.) For example, the alternatives 'She wore the red hat' and 'She wore the green hat' are explicitly contained in the question, 'Did she wear the red hat or the green hat?'; but the infinitely many alternatives presented by 'What is the square of 3?' are presented by reference to the condition 'x is the square of 3.'* And this distinction leads to our first principle of classification: *whether-questions vs. which-questions.*”

dialéticas) repousar não sobre a quantidade de alternativas apresentadas, mas na:

a maneira de sua apresentação: eles são mencionados explicitamente na pergunta ou são descritos por referência a alguma condição. (Uma condição é uma forma de declaração, com variáveis no lugar dos substantivos.) Por exemplo, as alternativas 'Ela usava o chapéu vermelho' e 'Ela usava o chapéu verde' estão explicitamente contidas na pergunta: 'Ela usava o chapéu vermelho ou o chapéu verde?'; mas as infinitas alternativas apresentadas por 'Qual é o quadrado de 3?' são apresentados por referência à condição 'x é o quadrado de 3.' E essa distinção leva ao nosso primeiro princípio de classificação: *perguntas-Se versus perguntas-Qual*.

As *perguntas-Qual*, segundo Belnap²⁶, apresentam suas alternativas por referência a dois itens, a saber: uma *condição* e um *conjunto apropriado de nomes ou termos*. Ocorre que uma pergunta-Qual, como por exemplo, "O que é piedade?", discussão do diálogo Eutifro, é vaga e dá poucas dicas sobre as alternativas de resposta possíveis, de forma que Santas²⁷ nota que "os erros de Eutifro são os erros relativos à pergunta que Sócrates tenciona perguntar, não num sentido absoluto, nem relativamente à sentença que Sócrates usa para perguntar sua questão."

Dentro das perguntas-Qual distingue-se ainda entre aquelas que usam um nome próprio para se referir à questão ('o que é Górgias?') e aquelas que usam um termo singular abstrato (o que é a temperança?), que por sua vez pode ser formado pela colocação de um artigo definido antes de um termo geral ("O que é F?") ou pela adição de um sufixo pelo qual um adjetivo se transforma num termo singular abstrato ("O que é a F-dade?")²⁸.

Conforme refere Santas, esses requerimentos necessários para a satisfação da resposta identificam-se com os requerimentos das definições socráticas²⁹.

²⁶ Idem.

²⁷ SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. "The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 79.

²⁸ SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. "The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 83.

²⁹ SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. "The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 83.

2.1.2. A busca de definições

Outra característica do procedimento socrático é a busca de definições. Aristóteles, que, apesar de não ter sido um testemunho direto, foi o primeiro autor que falou de Sócrates em seu nome próprio e que o submeteu à crítica³⁰, já observou o interesse precursor de Sócrates pelas definições.

Com efeito, lê-se na *Metafísica* 987b 1-3: “*E quando Sócrates, deixando de lado a natureza e confinando seu estudo às questões éticas, buscou nessa esfera o universal e foi o primeiro a concentrar-se nas definições*”; ou na *Metafísica* 1078b 15-25: “*Sócrates dedicou sua atenção às virtudes morais, tendo sido o primeiro a buscar uma definição geral delas (...) Mas era natural que Sócrates indagasse a essência das coisas, pois tentava deduzir logicamente e o ponto de partida de toda dedução lógica é a essência. (...) Duas descobertas podem, com justiça ser atribuídas à Sócrates: o raciocínio indutivo e a definição universal.*”

Qualquer definição busca a *especificação da natureza de algo*³¹, chamando-se de *definiendum* ao que se quer definir e *definiens* ao que a define. R.M. Dancy³² propôs uma teoria da definição socrática, para a qual três requisitos deveriam ser satisfeitos, a saber:

- o requerimento da substitutividade: o *definiens* deve poder ser substituído por seu *definiendum* sem alterar a verdade ou falsidade da sentença que contém o *definiens* (*salva veritate*);
- o requerimento do paradigma: o *definiens* deve fornecer um paradigma ou padrão em comparação com o qual casos de seu *definiendum* podem ser determinados; e
- o requerimento da explicação: o *definiens* deve explicar a aplicação de seu *definiendum*.

³⁰ DORION, Louis-André. *Socrate*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004, p. 114.

³¹ Neste sentido, BRANQUINHO, João. *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 239.

³² DANCY, R. M. *Definições platônicas e formas*. In: BENSON, Hugh (organizador). *H. Platão*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 79.

Assim, no curso dos questionamentos, Sócrates estaria realizando a testagem destes requisitos que qualquer boa definição, assim entendida a definição que efetivamente especifica a natureza de algo, deveria atender. Esta definição buscada por Sócrates deve ser entendida como a do tipo *real* ou de essência, em que se pretende apresentar a natureza real ou essencial do *definiendum* (e.g.: “ouro é o elemento cujo peso atômico é 79”), distinguindo-se da definição do tipo *nominal*, que meramente expõe o conteúdo semântico do termo (e.g.: “solteiro é o não-casado”).³³

William Kneale e Martha Kneale³⁴ explicam a relevância da busca de definições reais entre os gregos, salientando sua função de estabelecer novas ligações e de revelação de uma verdade importante sobre o *definiendum*, *verbis*:

Um leitor familiarizado com a lógica moderna talvez possa negar que as definições sejam necessariamente proposições verdadeiras e sugerir que sejam apenas registros de nossa determinação em usar certas abreviações quando acharmos conveniente fazê-lo. Para os gregos, no entanto, não parecia que as definições fossem meras convenções. Há muita confusão na doutrina da definição real que começou nesse momento, mas é fácil entender a atitude grega se lembrarmos, que antes dos gregos começarem a fazer geometria demonstrativa, palavras como "círculo" somente tinham significado defendendo certos padrões de percepção. Quando um grego disse "Um círculo é o locus de pontos equidistantes de um determinado ponto", ele não estava introduzindo a palavra "círculo" pela primeira vez, mas dando novas conexões; e para si mesmo ele parecia estar expondo uma verdade de grande importância sobre os círculos.

³³ BRANQUINHO, João. Enciclopédia de termos lógico-filosóficos. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 239.

³⁴ KNEALE, William; KNEALE, Martha. The development of logic. New York: Oxford University Press, 2008, p. 6. No original, lê-se: “A reader who is familiar with modern logic may perhaps deny that definitions are necessarily true propositions, and suggest that they are merely records of our determination to use certain abbreviations when we find it convenient to do so. To the Greeks, however, it did not seem that definitions were mere conventions. There is a great deal of muddle in the doctrine of real definition which started at this time, but it is easy to understand the Greek attitude if we remember that before the Greeks began to do demonstrative geometry words such as ‘circle’ had meaning only as standing for certain perceptual patterns. When a Greek said ‘A circle is the locus of points equidistant from a given point’, he was not introducing the word ‘circle’ for the first time, but rather giving it new connexions; and to himself he seemed to be expounding a truth of great importance about circles.”

2.1.3. O uso de argumentos

Igualmente característico do procedimento socrático é o uso de argumentos, tendo sido interpretado por Gerasimos Xenophon Santas³⁵ como uma forma de Sócrates “*testar a verdade de uma dada definição, ou para resolver um problema entre ele próprio e um interlocutor, testando a verdade da visão do interlocutor.*”

Essa leitura da finalidade da argumentação socrática – a saber, como a testagem da verdade da definição - foi derogada pela interpretação dada por Gregory Vlastos³⁶, para quem a argumentação socrática prova a *inconsistência* de um conjunto de proposições assumidas pelo interlocutor, inclusa a definição inicial.

Apesar de, didaticamente, a teoria ser contemporânea ou anterior à prática, a teoria, diacronicamente, parece sucedê-la. Com efeito, o processo de teorização de um determinado ramo do conhecimento parece ser posterior ao exercício das faculdades necessárias à investigação do fenômeno recortado da realidade.

Os exercícios intelectuais de Sócrates, nos primeiros diálogos platônicos, são tão precursores da filosofia moral quanto da lógica, na medida em que sua argumentação consiste, efetivamente, no teste da consistência das proposições assumidas pelo interlocutor, sendo, dessa forma, precursor de uma análise da validade do discurso.

P.F. Strawson³⁷ esclarece a distinção que se faz entre declarar que as observações de alguém são falsas e a crítica feita quando as declaramos inconsistentes: “*No primeiro caso, nós criticamos suas observações sob o fundamento de que elas falham em coincidir com os fatos: no segundo caso, nós as criticamos sob o fundamento de que elas falham em coincidir uma com a outra*”.

³⁵ SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, p. 137.

³⁶ VLASTOS, Gregory. The Socratic elenchus: method is all. In: VLASTOS, Gregory. Socratic Studies. Edited by Myles Burnyeat. New York: Cambridge University Press, 1994, p. 4.

³⁷ STRAWSON, P. F. Introduction to logical theory. London: Methuen & Co Ltd, 1964, p. 1.

A pecha de inconsistência não se refere a nada fora das proposições que o interlocutor profere, considera-se pura e simplesmente que as proposições não se suportam, ou não ficam bem juntas³⁸.

Ocorre que este conjunto desarmônico de proposições não existe, por si, no mundo – o que demarcaria uma instanciação puramente lógica do mundo -, antes são um conjunto de crenças assumidas por determinado sujeito, as quais não podem ser sustentadas simultaneamente por um mesmo indivíduo.

Dessa forma, o exame da inconsistência não demonstra a falsidade de qualquer das proposições daquele conjunto de crenças assumidas - e expressas linguisticamente através das proposições -, ou o quanto os fatos do mundo, que elas descrevem, não coincidem com elas, antes demonstra que aquele sujeito que as sustenta não detém conhecimento sobre o que declara, pois não consegue recusar as proposições que trarão desarmonia à sua coleção de crenças.

Esta incapacidade de selecionar as crenças coerentes é um sintoma da falta de clareza que o sujeito detém sobre o assunto, e não significa que a proposição inicialmente assumida seja falsa, antes que o sujeito é incapaz de defender sua verdade e de justificá-la, o que, em outras palavras, significa dizer que não detém conhecimento sobre o que declara.

2.2. Da inconsistência à falsidade: o problema do *elenchus*

O *elenchus* socrático foi tomado como um método refutativo e antitético, que demonstra que (*oti*) algo não é o caso, não por que (*dioti*) algo é o caso. Neste sentido, Richard Robinson³⁹ afirma que “o *elenchus* em um sentido mais estrito é uma forma de exame cruzado (*cross-examination*), ou refutação”.

Por sua vez, o *elenchus* socrático foi definido por de Gregory Vlastos⁴⁰, como:

³⁸ Idem.

³⁹ ROBINSON, Richard. Plato's earlier dialectic. Second edition. Oxford: Clarendon Press, 1953, p. 7.

⁴⁰ VLASTOS, Gregory. The Socratic elenchus: method is all. In: VLASTOS, Gregory. Socratic Studies. Edited by Myles Burnyeat. New York: Cambridge University Press, 1994, p. 4. No original, lê-se: “Socratic elenchus is a search for moral truth by question-and-answer adversary argument in which a thesis is debated only if asserted as the answerer's own belief and is regarded as refuted only if its negations is deduced from his own beliefs”.

uma procura da verdade moral por meio de um questionamento do argumento do adversário, no qual uma tese é debatida somente se asseverada como uma crença própria do debatedor e é tomada como refutada somente se sua negação for deduzida de suas próprias crenças.

Dentre outras características, é próprio deste método a necessidade de uma adesão entre a proposição defendida pelo interlocutor de Sócrates e sua crença na correção da proposição, quer dizer, há necessidade de o interlocutor efetivamente crer no que sustenta, e não o faça somente *ad argumentantum*.

Com isso, Sócrates elimina a possibilidade de a discussão ser hipotética, baseada em suposições meramente teóricas sobre o tema discutido, requerendo o debate a crença de que o afirmado é verdadeiro.

A assunção desta premissa metodológica, qual seja, necessidade de adesão entre o que é dito e o que crido pelo interlocutor, é um pressuposto do diálogo para Sócrates, que desempenha uma função terapêutica para sua filosofia.

Já o esquema lógico da argumentação elênctica foi inicialmente entendido como um *modus tolens*: Se P, então Q; Não-Q, logo não-P. Conforme registra Aldo Lopes Dinucci⁴¹, essa posição associaria o *elenchus* a uma redução ao absurdo. No entanto, não aparenta haver uma equivalência entre o *modus tolles* e a redução ao absurdo. O *modus tolles* é o esquema geral da regra de inferência em que a partir da negação do conseqüente nega-se o antecedente. Na redução ao absurdo, apesar de a regra inferencial usada ser o *modus tolles*, o argumento é movido pela admissão de hipótese a qual conduzirá à contradição e, portanto, ao absurdo; por sua vez, o *elenchus* implica na assunção de crenças no portfólio de premissas fundamentais e não na admissão de uma hipótese, para o bem do argumento.

William Kneale e Martha Kneale⁴² asseveram, nesse sentido, que:

⁴¹ DINUCCI, Aldo Lopes. O elenchus como o principal instrumento da pedagogia socrática. Revista Saberes. Natal, RN, v. 1, n. 1, dez. 2008, p. 6.

⁴² KNEALE, William; KNEALE, Martha. The development of logic. New York: Oxford University Press, 2008, p. 6. No original, lê-se: "It is clear that, in general, this procedure can lead only to negative results; for the argument will proceed in accordance with the logical schema, 'If P then Q; but not-Q; therefore not-P'. This is the standard argument-pattern of refutation (elenchus) and it was probably suggested to Plato not only by the practice of Socrates in refuting the uncritically held opinions of his contemporaries, but also by the use of the reductio ad impossibile argument in metaphysics by Zeno of Elea."

É claro que, em geral, esse procedimento pode levar apenas a resultados negativos; pois o argumento prosseguirá de acordo com o esquema lógico: “Se P, então Q; mas não-Q; portanto, não-P”. Esse é o padrão de argumento da refutação (*elenchus*) e provavelmente foi sugerido a Platão não apenas pela prática de Sócrates em refutar as opiniões acriticamente sustentadas de seus contemporâneos, mas também pelo uso do argumento de *reductio ad impossible* na metafísica por Zenão de Eléia.

Gregory Vlastos contesta esta posição. Para ele, Sócrates irá demonstrar que seu interlocutor possui um conjunto inconsistente de crenças, e que fazer isso não seria demonstrar que P é falso, mas somente que ou P é falso ou que algumas ou todas as premissas são falsas⁴³.

Vlastos⁴⁴ estabelece o seguinte esquema da refutação socrática, que ele chama de *standart elenchus*, o que ele reconstrói a partir de 23 teses retiradas dos diálogos socráticos :

- 1) O interlocutor afirma uma tese, p, que Sócrates considera falsa e elege como alvo da refutação;
- 2) Sócrates garante um acordo com premissas suplementares, isto é, q e r, (cada uma das quais pode demandar um conjunto de proposições). O acordo é ad hoc : Sócrates argumenta a partir de {q, r} não para elas;
- 3) Sócrates então argumenta, e o interlocutor concorda, que q e r levam a não-p;
- 4) Sócrates então alega ter provado que não-p é verdadeira, e que p é falsa. (id. *ibid.*, loc. cit.).

Dessa forma, o problema do método elênctico passa a ser considerado o que legitima Sócrates a fazer esta passagem de um juízo acerca da consistência de um conjunto de proposições para um juízo sobre o valor de verdade da proposição refutada.

⁴³ VLASTOS, Gregory. The Socratic elenchus: method is all. In: VLASTOS, Gregory. Socratic Studies. Edited by Myles Burnyeat. New York: Cambridge University Press, 1994, p. 3.

⁴⁴ VLASTOS, Gregory. The Socratic elenchus: method is all. In: VLASTOS, Gregory. Socratic Studies. Edited by Myles Burnyeat. New York: Cambridge University Press, 1994, p. 11.

Gregory Vlastos⁴⁵ descreveu o que seria o problema do método elênctico como sendo “*como Sócrates pretende ter provado que uma tese falsa, enquanto, do ponto de vista lógico, tudo que ele provou é que a tese é inconsistente com a conjunção das premissas aceitas para as quais nenhuma razão foi dada no argumento?*”

Para Vlastos, portanto, o ponto controverso do *elenchus* seria o salto lógico feito por Sócrates da inconsistência daquele conjunto assumido de premissas à falsidade da proposição inicialmente assumida pelo interlocutor de Sócrates.

⁴⁵ VLASTOS, Gregory. The Socratic elenchus: method is all. In: VLASTOS, Gregory. Socratic Studies. Edited by Myles Burnyeat. New York: Cambridge University Press, 1994, p.. 21. No original, lê-se: “This brings us smack up against what I had called earlier on ‘the problem of the elenchus’: how ist that Socrates claims to have proved a thesis false when, in point of logic, all he has proved is that the thesis is inconsistent with the conjunction of agreed-upon premises for which no reason has been given in that argument?”

3. Análise do primeiro argumento de *Cármides*

Gerasimos Xenophon Santas⁴⁶, após, descrever as três contribuições de Sócrates para o método filosófico como (i) a arte de colocação de questões, (ii) a descoberta da arte de construir definições, e (iii) a arte de construir argumentos por meio dos quais ele testa as teses ou as definições, ressalta que, em vista da onipresença da argumentação nas suas conversas, “*nossa compreensão do método filosófico de Sócrates seria engrandecida pelo exame de um conjunto representativo de argumentos construídos por Sócrates*”. Em sentido similar, ressaltando a necessidade de se olhar os argumentos para se ter luz sobre o método, lê-se em Hugh H. Benson⁴⁷:

Assim como, nos diálogos primeiros, olhamos tanto para as discussões explícitas de Sócrates acerca do método, como para sua prática efetiva, no intuito de compreender o elenchus, assim também nos chamados diálogos médios devemos olhar para as discussões explícitas de Sócrates acerca do método e para sua prática efetiva, no intuito de compreender a dialética.

Nessa linha de investigação, este capítulo se ocupará, inicialmente, com a análise do primeiro argumento do diálogo, que é protagonizado por Sócrates e pelo próprio Cármides, para depois defender uma necessária modificação do ponto de partida do argumento, do que resulta, assim se espera, um ganho de inteligibilidade em relação aos objetivos e ao procedimento de investigação de Platão em *Cármides*.

3.1. Apresentação do argumento elênctico “*temperança como uma certa quietude*” (159b5-6)

Provocado por Sócrates a definir o que seja temperança, Cármides inicialmente reluta em responder, para então afirmar que, em sua opinião, a

⁴⁶ SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999, p. 136.

⁴⁷ BENSON, Hugh. H. O método da dialética de Platão, p. 93. In: BENSON, Hugh H. Platão. Tradução de Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

temperança seria *fazer tudo quietamente e de modo apropriado*⁴⁸, resumindo que ela seria “*uma certa quietude*” ἡσυχιότης τις⁴⁹ (159b5-6).

Sócrates passa então a elaborar um argumento para verificar se a definição de temperança dada por Cármides seria boa.

Hugh Benson⁵⁰ analisa o primeiro *elenchus* nestes termos:

1. *Temperança é uma certa quietude - ἡσυχιότης τις (159b5-6).*
2. *Temperança está dentre as coisas boas - τῶν καλῶν ἡ σωφροσύνη ἐστίν (159c1-2).*
3. *Escrever, ler, tocar cítara, lutar, boxear, correr rapidamente são coisas boas (159c3-d3).*
4. *Então, no que diz respeito ao corpo, não as coisas quietas, mas as mais rápidas e afiadas são as melhores (Derivada de 3.: 159d4-7).*
5. *Então, no que diz respeito ao corpo, não a quietude, mas a rapidez seria mais temperante (Derivada de 2. e 4.: 159d10-12).*
6. *Aprender, ensinar, se lembrar, compreender junto a mesa do professor, pesquisar, dar conselhos, de forma rápida, veemente e aguda, e não quietamente (calmamente), são coisas boas. (159e1-160b2)*
7. *Então, em qualquer caso, tanto no que concerne à mente quanto no que concerne ao corpo, as coisas mais rápidas e mais agudas parecem ser melhor do que as coisas mais lentas e mais quietas. (Derivada de 4 e 6: 160b3-6)*
8. *“Então, a temperança não deve ser um tipo de quietude, pelo menos de acordo com este argumento, visto que ser temperante deve ser bom”. (derivada de 2 e 7: 160b7-9).⁵¹*

⁴⁸ SANTAS, in 1973, p. 108, distingue aqui a ocorrência de duas definições de temperança. SANTAS, G. .X.. Socrates at work on virtue and knowledge in Plato's Charmides. In Exegesis and argument: studies in greek philosophy presented to Gregory Vlastos, edited by E. N. Kee, A.P.D. Mourelatos and R.M. Rorty, 105-132. Assen, Amsterdam: Van Gorcum, *apud* BENSON, Hugh H. Socratic Wisdom. The model of knowledge in Plato's Early Dialogues. New York: Oxford University Press, 2000, p. 71.

⁴⁹ Na tradução de Rosamond Kent Sprague, “a sort of quietness”, in PLATO, Completed Works. Edited, with introduction and notes, by John M. Cooper. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1997, p. 645.

⁵⁰ BENSON, Hugh H. Socratic Wisdom. The model of knowledge in Plato's Early Dialogues. New York: Oxford University Press, 2000, p. 71-72.

⁵¹ L. Aryeh Kosman sintetiza o argumento socrático desta forma: “Mas então ele diz (159B) que *sophrosune* parece para ele “fazer tudo de modo ordenado e quieto – *kosmion kai hesukhe* – e que o Sócrates pergunta é, um uma palavra – “*uma certa quietude*”. O argumento está em seu caminho. A resposta de Sócrates (159C-160D) é rápida e decisiva; consiste em demonstrar que (1) *sophrosune* é *kalon*, (2) que num determinado tipo de atividades, é a ação rápida e aguda – *takhos kai oxus* – que é requisitada e é *kalon*, e não a ação que é quieta, e (3) que, conseqüentemente, *sophrosune* não é *hesukhiotes tis*, nem a vida *sophron* uma vida quieta.” Kosman, L. Aryeh, "Sophrosune as Quietness" (1973). The Society for Ancient Greek Philosophy Newsletter. 270. <https://orb.binghamton.edu/sagp/270>, p.1.

Nessa linha de análise, a proposição 1) é a proposição fundamental do argumento, a única que parte do interlocutor de Sócrates e que buscará ser refutada. Todas as proposições que se seguem são propostas por Sócrates e assumidas por Cármides.

A proposição 2) pode ser considerada um exemplar de uma *endoxa*, que são as proposições que valem a pena ser acreditadas pois são cridas "por todos ou para a maioria das pessoas, ou para os sábios – para a maioria deles para os mais distintos e reputáveis"⁵², o que constitui para Aristóteles a fundação do argumento dialético. No mesmo sentido, para Ronald Polansky⁵³, *endoxa* "são crenças sustentadas por todos ou pelo menos pelas pessoas mais sensatas", o que se aproxima do conhecimento derivado do *senso comum*, e que estabelece um ponto de partida incontroverso, ou seja, com o qual seu interlocutor concorda: a temperança está entre as coisas boas/belas, τῶν καλῶν ἡ σωφροσύνη ἐστίν (159c1-2).

Sócrates passa, então, a identificar operações do corpo, tais como escrever, ler, tocar cítara, lutar, boxear, correr, *rapidamente* (159c3-d3) em que as coisas mais rápidas e velozes são mais belas do que as *lentas* e quietas. Assim, a 3) é um conjunto de premissas que resultará na proposição 4), via uma generalização indutiva, que é definida por Irving Copi⁵⁴ como "o método de chegar a proposições gerais ou universais, partindo dos fatos particulares da experiência".

Com efeito, a partir de uma coleção de premissas que afirmam que operações do corpo realizadas rapidamente são as boas – em oposição às que não são realizadas rapidamente – Sócrates está legitimado a inferir analogicamente, adicionando não somente mais um exemplar proposicional, em direção a uma generalidade, expressa na proposição 4), ressaltando-se que a indução não detém pretensão de demonstrar a verdade necessária da

⁵² ARISTOTLE. Topics. 100b23. Tradução de Robin Smith. Oxford University Press, 1997. Na tradução de Smith, à fl. 1, lê-se: "Those are acceptable, on the other hand, which seem so to everyone, or to most people, or to the wise – to all of them, or to most, or to the most famous and esteemed."

⁵³ POLANSKY, Ronald. 1985. "Professor Vlastos' Analysis of Socratic Elenchus". Oxford Studies in Ancient Philosophy 31985, p. 249, *apud* BENSON, Hugh H. Socratic Wisdom. The model of knowledge in Plato's Early Dialogues. New York: Oxford University Press, 2000, p. 35.

⁵⁴ COPI, Irving M. Introdução à lógica. 2. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978, p. 333.

conclusão, limitando-se a “*estabelece-las como prováveis ou provavelmente verdadeiras*”⁵⁵.

Hugh Benson⁵⁶ considera que a proposição 5) foi derivada das proposições 2) e 4).

Há, no entanto, uma consequência das proposições 1) e 2) que fica *implícita* na argumentação, mas que será necessária para se demonstrar o caminho do argumento, e que será grafada como 2) 1.: A certa quietude, que é a temperança, está dentre as coisas boas.

Ora, se, no que diz respeito ao corpo, as coisas mais rápidas são melhores do que as coisas quietas (4), e se a temperança, que é uma certa quietude (1), está dentre as coisas boas (2/2.1), então, no que diz respeito ao corpo, as coisas mais rápidas, e não as quietas, são mais temperantes (5).

Na proposição 6), Sócrates faz com as operações da alma o que havia feito com as operações do corpo, elencando um grupo de operações anímicas em que é mais invejável a agilidade e velocidade do que a vagareza.

Na proposição 7), realizará novamente uma generalização indutiva em relação às atividades anímicas elencadas em 6), conjugando com a conclusão (parcial) já produzida em 4), que seu interlocutor já havia assumido: tanto no que concerne ao rol de operações corpóreas, quanto às operações anímicas, concluirá que *as coisas mais rápidas e mais agudas parecem ser melhor do que as coisas mais lentas e mais quietas*. (160b3-6).

Na proposição 8), que é a conclusão do argumento, ele não conclui que a proposição 1) inicialmente crida por Cármides seja falsa, antes ele salienta que ela é falsa, *segundo aquele argumento*, quer dizer se as outras respostas são verdadeiras, ficando manifesta a natureza condicional da conclusão.⁵⁷

3.2. Avaliação do argumento elênctico “*temperança como uma certa quietude*” (159b5-6)

⁵⁵ COPI, Irving M. Introdução à lógica. 2. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978, p. 313.

⁵⁶ BENSON, Hugh H. Socratic Wisdom. The model of knowledge in Plato’s Early Dialogues. New York: Oxford University Press, 2000, p. 72.

⁵⁷ BENSON, Hugh H. Socratic Wisdom. The model of knowledge in Plato’s Early Dialogues. New York: Oxford University Press, 2000, p. 73

Hugh Benson⁵⁸, após salientar que a estrutura inferencial deste argumento seria obscura, afirma que a maioria dos comentadores parece tomá-lo como inválido, referindo na nota de rodapé 66: *“Tuckey 1968, 19, Santas, 1973. 114-117, Schmid 1981, 146 n.5 e Kosman 1983, 204-207, todos tomam o primeiro elenchus por inválido por uma razão ou por outra. Tuckey pensa que a natureza condicional da conclusão atesta a consciência de Platão/Sócrates em relação à sua invalidade.”*⁵⁹

As falácias informais são aquelas que somente podem ser percebidas por meio da análise do conteúdo do raciocínio⁶⁰. Dentre os tipos de falácias de relevância, que são as que *“as razões aduzidas são logicamente irrelevantes para o que se pretende ajustar, embora possam ser psicologicamente relevantes*⁶¹”, Sócrates, neste ponto, parece estar cometendo a falácia do espantinho, que se dá quando *“alguém distorce o ponto de vista do oponente e, então, ataca o argumento distorcido”*⁶².

Manifestamente Sócrates, na passagem de 1) para 3) (etc.), operada em *Cármides* 159C, opõe a quietude (*ἡσυχιότης*) à rapidez (*ταχύως*), distinguindo do espectro de sentidos da palavra *ἡσυχιότης* aquela que a associa à lentidão (*βραδέως*), estruturando então seu argumento contra este sentido determinado do termo usado por Cármides.

Otavino Candido de Paula Neto⁶³ afirma que *“Dorion observa que a substituição de ἡσυχῆ (calmamente) por βραδέως (lentamente) operada aqui por Sócrates, é tendenciosa pois opõe lentidão a rapidez de modo que a primeira apareça como defeito. Depois, ao assimilar lentidão a calma, esta se torna um defeito.”*

Com efeito, após Cármides definir a temperança como uma certa quietude, diz Sócrates: *“Escrever, ler, tocar cítara, lutar, correr, saltar e todas*

⁵⁸ BENSON, Hugh H. *Socratic Wisdom. The model of knowledge in Plato's Early Dialogues*. New York: Oxford University Press, 2000, p. 72.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ BRANQUINHO, João. *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 328.

⁶¹ Idem.

⁶² BRANQUINHO, João. *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 329.

⁶³ PAULA NETO, Otavino Candido de. *O exame socrático (εφξετρασιν) da temperança (σωφροσυνη) no Cármides de Platão*. 2014. 146 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 73.

as ações executadas com o corpo parece ser mais belo executá-las rapidamente e com vivacidade ou lenta e calmamente?”

O substantivo grego *ἡσυχιότης* designa um caráter tranquilo, pacífico⁶⁴, pertencendo a uma família de palavras que irá conotar *manter-se em repouso*, *permanecer imóvel* (*hesuchazo*), *falta de movimento* (*hesuche*) ou mesmo *vagareza*⁶⁵ (*hesucheî*).

Sócrates, no entanto, manipula o sentido de quietude (*ἡσυχιότης*), levando-o para uma zona semântica – oposta à rapidez e associada à lentidão - em que confortavelmente poderá encaminhar a refutação da definição, praticando espécie de *falácia do espantalho*.

Nesse sentido, Charles M. Young⁶⁶ sugere que, ao tratar “calmo” e “rápido” como contrários, Platão teria outros itens em sua agenda no Cármides, sobretudo distinguir Sócrates de Crítias, que teria algumas opiniões similares a ideias do próprio Sócrates, e teria colocado o argumento na boca de Sócrates “por falta de outro melhor”.

No entanto, talvez a manifesta invalidade do argumento cumpra uma finalidade pedagógica, não somente não desconhecida de Platão, antes por ele deliberadamente projetada.

3.3. Reenquadramento da questão posta

Tradicionalmente, considera-se que o tema deste diálogo seja a definição do que seja a temperança, o que compreende oito argumentos, primeiramente, defendidos por Cármides e, posteriormente, defendidos por Crítias. Como visto, a interpretação usual do primeiro argumento considera que ele principiaria com a primeira definição de *temperança* proferida por Cármides (159b5)⁶⁷.

⁶⁴ Dicionário grego-português (DGP): vol 2. Equipe de coordenação Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotii, Maria Helena de Moura Neves. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

⁶⁵ Vide nota 4, na página 645, in PLATO, Completed Works. Edited, with introduction and notes, by John M. Cooper. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1997.

⁶⁶ YOUNG, Charles. O elenchus socrático. In: BENSON, Hugh (organizador). H. Platão. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 75.

⁶⁷ BENSON, Hugh H. Socratic Wisdom. The model of knowledge in Plato's Early Dialogues. New York: Oxford University Press, 2000, p. 71. Também Kosman, L. Aryeh, "Sophrosune as Quietness" (1973). The Society for Ancient Greek Philosophy Newsletter. 270. <https://orb.binghamton.edu/sagp/270>, p.1.

No entanto, para corretamente se identificar quando um argumento principia, deve-se avaliar qual a principal tese e quais são as razões apresentadas em favor da principal tese: em suma, o que está em discussão no diálogo *Cármides* e com qual o problema seu autor se ocupa?

Ao se posicionar o início do argumento na primeira definição dada por Cármides (159b5) está-se assumindo que o tema do diálogo, ou o problema com o qual se ocupa, giraria em torno da definição da temperança. É evidente que as definições de temperança e as verificações socráticas ocupam parte fundamental do diálogo, o que, no entanto, não implica, necessariamente, que o tema do diálogo seja, pura e exclusivamente, a definição do que seja temperança.

É fundamentada esta pretensão, de olhar o diálogo como um todo, concedendo atenção a elementos dramáticos do texto platônico, por uma interpretação amplamente aceita das obras de Platão, conforme Walter T. Schmid⁶⁸

Embora a visão de que os elementos dramáticos de um diálogo platônico devam ser levados em consideração para determinar seu significado foi amplamente aceita nos últimos anos, ainda há discordâncias consideráveis sobre como esse insight deve ser implementado. Os adeptos radicais do princípio, como eu, oferecem interpretações muito diferentes dos diálogos daqueles encontrados na maioria dos especialistas em Platão, que basicamente ainda se limita à análise de argumentos, sem interpretá-los através de seus contextos dramáticos. (tradução nossa)

Rosemary Desjardins, no artigo “*Why dialogues? Plato’s serious play*”⁶⁹, igualmente ressalta a abertura cada vez maior a aspectos não puramente argumentativos nos diálogos platônicos, *verbis*:

⁶⁸ SCHMID, Walter T. *Plato’s Charmides and the socratic ideal of rationality*. New York: State University of New York Press, 1998, p. VIII. No original, lê-se VIII: “While the view that the dramatic elements in a Platonic dialogue should be taken into account to determine its meaning has come to be widely accepted in recent years, there is still considerable disagreement as to how that insight should be implemented. Radical adherents of the principle, like myself, offer very different interpretations of the dialogues from those found in most Plato scholarship, which basically still confines itself to the analysis of arguments, without interpreting them through their dramatic contexts.”

⁶⁹ DESJARDINS, Rosemary. *Why Dialogues? Plato’s Serious Play*. In: GRISWOLD, Charles L. (ed.). *Platonic Writings/Platonic Readings*. Pennsylvania State University Press. pp. 110--126. No original, lê-se à fl. 119: “For some time now it has been conventional to read the dialogues as primarily works of

Já faz algum tempo que tem sido convencional ler os diálogos como obras primariamente de argumentação e definição filosóficas, o desenvolvimento lógico às vezes tedioso sendo intercalado por cenas pitorescas e caracterização divergente. Cada vez mais, nos últimos tempos, essa visão tem sido questionada, e o chamado aspecto literário dos diálogos é agora frequentemente levado a sério. (tradução nossa)

A proposta feita por este trabalho, atentando para alguns elementos dramáticos presentes no diálogo, é reposicionar o princípio do argumento socrático para duas teses que são apresentadas na parte dramática do diálogo.

A primeira diz respeito à prescrição da medicina de Zalmóxis no sentido de que a temperança é produzida pelas belas palavras/belos argumentos, exposta no trecho (157A2-4), que assim se lê na tradução de Carlos Alberto Nunes⁷⁰:

As almas, meu caro, continuou – são tratadas com certas fórmulas de magia; essas fórmulas são os belos argumentos. Tais argumentos geram na alma a sofrosine, ou temperança, uma vez presente a temperança, é muito fácil promover a saúde da cabeça e de todo o corpo.⁷¹

Por sua vez, a tese assumida, para onde também se deve retroceder para se compreender o argumento, é apresentada no trecho (159A), que assim se lê na tradução de Carlos Alberto Nunes⁷²:

philosophical argument and definition, the sometimes tedious logical development being interspersed with picturesque scenes and diverting characterization. Increasingly in recent times this view has been questioned, and the so-called literary aspect of the dialogues is now often taken seriously.”

⁷⁰ PLATAO. Cármites. Lísis. Tradução de Carlos Alberto Nunes; editor convidado Plínio Martins Filho; organização Benedito Nunes & Victor Sales Pinheiro; texto grego John Burnet. 3. Ed. rev. e bilingue. Belém: ed.ufpa, 2015, p. 48-49.

⁷¹ Na tradução de Rosamond Kent Sprague, lê-se: “And the soul,’ he said, ‘my dear friend, is cured by means of certain charms, and these charms consist of beautiful words. It is a result of such words that temperance arises in the soul, and when the soul acquires and possesses temperance, it is easy to provide health both for the head and for the rest of the body.” SPRAGUE, Rosamond Kent. Charmides. In: PLATO. Complete works. Edited with introduction and notes by John M. Cooper. Indianapolis: Hackett Publishing Company Inc., 1997, p. 643.

⁷² PLATAO. Cármites. Lísis. Tradução de Carlos Alberto Nunes; editor convidado Plínio Martins Filho; organização Benedito Nunes & Victor Sales Pinheiro; texto grego John Burnet. 3. Ed. rev. e bilingue. Belém: ed.ufpa, 2015, p. 53.

Penso – lhe falei – ser esta a melhor maneira de encaminhamos à pesquisa: é fora de dúvida que, se tiveres temperança, serás capaz de dizer algo a respeito. *Existindo ela em ti, se realmente existe, de qualquer modo terá que dar sinal de si, o que te permitirá formar opinião própria sobre o que seja e em que consiste a temperança.* Não pensas assim?

- É o que penso, de fato – respondeu.⁷³

Assim, a preocupação primeira de Sócrates poderia ser considerada como sendo, não pura e simplesmente, a definição de temperança, antes seria verificar se bons argumentos geram temperança e se o temperante sabe o que é temperança, ou mais discursivamente, se alguém que se diz ou que é reconhecido como temperante – no caso, Cármides - sabe o que é ser temperante, sendo capaz de dizer algo a respeito.

Por trás deste modo de proceder a pesquisa, há teses sustentadas por Sócrates, sendo que segunda é expressamente assumida por Cármides, que irá servir, não somente de pano de fundo do diálogo, mas que será verificada ao longo da argumentação, teses que poderiam ser assim expressa:

(T1) Se um sujeito S sabe o que é a propriedade P, detém P⁷⁴;

(T2) Se um sujeito S detém a propriedade P, S sabe o que é P⁷⁵.

O busílis da questão é que Platão ainda não elaborou, ou, apesar de a ter elaborado, não quer dar a saber, o que significa saber/conhecer algo. Com efeito, foi no Teeteto (201c-d) - diálogo tido como do seu período intermediário e, portanto, posterior ao Cármides - em que foi apresentado o estatuto de conhecimento como o “*juízo verdadeiro justificado*” (“[τὴν μὲν μετὰ λόγου](#)”

⁷³ Na tradução de Rosamond Kent Sprague, lê-se: “Well then”, I said, “in these circumstances, I think the following method would be best. Now it is clear that if temperance is present in you, you have some opinion about it. Because it is necessary, I suppose, that if it really resides in you, it provides a sense of its presence, by means of which you would form an opinion not only that you have it but of what sort it is. Or don’t you think so?” “Yes,” he said, “I do thing so.” SPRAGUE, Rosamond Kent. Charmides. In: PLATO. Complete works. Edited with introduction and notes by John M. Cooper. Indianapolis: Hackett Publishing Company Inc., 1997, p. 645.

⁷⁴ Quer dizer, se belos argumentos são causa da temperança, o sujeito primeiro, pelo contato com os belos argumentos, passa a possuir o conhecimento acerca da virtude, para após desenvolvê-la.

⁷⁵ A tese (T2) ressoa à falácia socrática, expressão cunhada por Peter Geach no *paper* intitulado “Plato’s Euthyphro: an analysis and commentary”, em que sustentou que Sócrates, no dito diálogo, teria se comprometido com a seguinte tese: para utilizar ou predicar corretamente um termo T é preciso ter a definição de T. GEACH, Peter. “Plato’s Euthyphro: an analysis and commentary”. In: GEACH, Peter. Logic matters. Oxford: Basil Blackwell, 1972, p. 31-44, passim.

[ἀληθῆ δόξαν ἐπιστήμην εἶναι](#)”). Na tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri⁷⁶, lê-se:

*Teeteto – Sócrates, fiquei agora a pensar numa coisa que tinha esquecido e que ouvi alguém dizer: que o saber é [d] opinião verdadeira acompanhada de explicação e que a opinião carente de explicação se encontra à margem do saber.*⁷⁷

Registre-se ser logicamente possível a hipótese de que Platão, à época da escritura de *Cármides*, já entretinha para si a noção de que “*conhecimento seria juízo verdadeiro justificado*”, posteriormente desenvolvida e externada no Teeteto (201c-d), hipótese em que o diálogo *Cármides* poderia ser interpretado como uma espécie de exercício espiritual, ou um puzzle filosófico, em que a noção de *justificação* de um juízo/opinião estivesse sendo testada por Platão.

Richard Robinson⁷⁸ parece avaliar a tese de que o método elênctico mobilizaria uma distinção entre opinião e conhecimento:

O objetivo do elenchus é acordar os homens de seu sono dogmático para uma curiosidade intelectual genuína. A convicção da própria ignorância envolve e inclui uma fraca percepção da diferença entre o conhecimento e todas as opiniões, sejam falsas ou verdadeiras. Em outras palavras, a noção de *elenchus* contém um germe da concepção platônica de conhecimento como absolutamente distinto da opinião. O elenchus não fornece diretamente ao homem nenhum conhecimento positivo; mas dá a ele pela primeira vez a idéia de conhecimento real, sem o qual ele nunca pode ter nenhum conhecimento positivo, mesmo que tenha todas as proposições que o expressam.

⁷⁶. Teeteto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015, p. 302.

⁷⁷ Na tradução de M.J. Levett, revisada por Myles Burnyeat, lê-se: *:THEAETETUS: Oh, yes, Socrates, that's just what I once heard a man say; I had forgotten, but now it's coming back to me. He said that it is true judgment with an account that is knowledge; true judgment without an account falls outside of knowledge.*” LEVETT, M.J.; BURNYEAT, Myles (revisor). Theaetetus. In: PLATO. Complete works. Edited with introduction and notes by John M. Cooper. Indianapolis: Hackett Publishing Company Inc., 1997, p. 223.

⁷⁸ ROBINSON, Richard. Plato's earlier dialectic. Second edition. Oxford: Clarendon Press, 1953, p. 17. No original, lê-se: The aim of elenchus is to wake men out of their dogmatic slumbers into genuine intellectual curiosity. The conviction of one's own ignorance involves and includes some dim realization of the difference between knowledge and all opinions whether false or true. In other words, the notion of the elenchus contains a germ of the Platonic conception of knowledge as absolutely distinct from opinion. The elenchus does not directly give a man any positive knowledge; but it gives him for the first time the idea of real knowledge, without which he can never have any positive knowledge even if he has all the propositions that express it.

A convocação e a testagem, no curso do argumento, de crenças do interlocutor permite entrever uma pretensão de “*transformação da visão de mundo e a uma metamorfose da personalidade*”, característico dos exercícios espirituais da antiguidade⁷⁹.

O propósito de Platão de estabelecer um estado cognitivo válido em seu interlocutor transfere a esse o encargo de o constituir, na medida em que, conforme assevera J. Annas⁸⁰: “*o conhecimento deve ser obtido pelos esforços da própria pessoa. Platão busca antes estimular o pensamento que transmitir doutrinas.*”

Nessa linha de investigação, ocorreria no texto um meta-diálogo, em que se esteja colocando à prova a primeira crença assumida pelos interlocutores de Sócrates: Crítias, protagonista da segunda parte do debate, acredita que seu primo seja temperante; Cármides, de igual forma, admite que seja temperante. Logo, ambos devam dar conta de definir o que seja a temperança.

Assim, dando-se atenção a estes outros marcos do diálogo, adquire outra significação o papel dos argumentos arguidos por Sócrates para refutar as definições propostas por Cármides e Crítias, pouco importando que contenham lapsos ou invalidades, na medida em que o que realmente teria em vista Platão seria verificar se os interlocutores de Sócrates – quer dizer, Cármides, Crítias e, por que não, seu leitor – conseguirão defender seus pontos de vista, identificando as falhas argumentativas, preservando – ou colocando em crise – o pressuposto inicial do diálogo: se acreditas ter a propriedade P, deves saber (definir) o que P seja.

Sócrates assim não está demonstrando que ele sabe algo, nem mesmo que definição inicial de seu interlocutor seja falsa, o que contrariaria sua profissão de ignorância: quando argumenta, seja via inferências imperfeitas, está demonstrando que seu interlocutor não as sabe identificar, nem sabe sustentar o conhecimento que diz ter.

⁷⁹ Nesse sentido, leia-se HADOT, Pierre. Exercícios espirituais e filosofia antiga. São Paulo: É Realizações Editora, 2014, p. 20.

⁸⁰ ANNAS, J. Plato. In: S. Hornblower and A. Spawforth (eds.). Oxford Classical Dictionary, Oxford: Oxford University Press, p. 1.190. *Apud* NAILS, Debra. A vida de Platão de Atenas, p. 17-27. In: BENSON, Hugh (organizador). H. Platão. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 27.

Objetivando dissolver o problema do *elenchus* elaborado por Gregory Vlastos, Hugh Benson⁸¹ interpreta esta passagem, sem compromissar Sócrates com a verdade das respostas, e sem, portanto, necessariamente concluir pela falsidade da definição originalmente proposta, *verbis*:

Sócrates não conclui que as definições propostas por Cármides sejam falsas. Em vez disso, ele conclui que essas respostas são falsas, se as outras respostas forem verdadeiras. Mas em nenhum lugar no contexto de nenhum desses dois elenchoi Sócrates se compromete com a verdade dessas outras respostas.

A inconsistência demonstrada entre o conjunto de crenças é geradora de um impasse (aporia), colocando em crise a crença primeira assumida pelo interlocutor em *Cármides* 159A, representada por (T2)⁸², de forma que ele perde a legitimidade não somente de asseverar que sabe o que é a temperança, mas também de se reconhecer uma pessoa temperante, na medida em que ele não pode mais afirmar possuir uma propriedade que não sabe o que é.

⁸¹ BENSON, Hugh H. *Socratic Wisdom. The model of knowledge in Plato's Early Dialogues*. New York: Oxford University Press, 2000, p. 73.

⁸² (T2) Se um sujeito S detém a propriedade P, S sabe o que é P.

4. Conclusão

Ao se reposicionar o início do argumento, tomando como ponto de partida a tese “se *S* detém a propriedade *P*, então *S* sabe o que é *P*” – proposição que se retira de *Cármides* 159A -, e não a primeira definição do que seja temperança (*Cármides*, 159b5-6), retira-se, inicialmente, a rotulagem do diálogo, a qual acaba por sugerir que o diálogo limitar-se-ia com a definição do que seja temperança. Com esse movimento, vislumbra-se a complexidade da trama filosófica proposta por Platão.

Esta complexidade da trama filosófica fica evidenciada na dificuldade de evidenciar qual seria o problema com que se ocupa Platão no diálogo, na medida em que se poderia insistir que o filósofo está em busca, pura e simplesmente, de uma definição do que seja a temperança, ou cogitar que ele está verificando a correção da tese de que se um sujeito *S*, no caso *Cármides*, detém a propriedade *P*, no caso, a temperança, então, *S* deve saber o que é *P*.

Ainda: o ponto de partida do argumento importa e implica no modo como deverá ser tratada a própria argumentação socrática: se é a busca da definição de temperança, o encargo de proceder corretamente no questionamento e na argumentação é de Sócrates, encarregado de examinar a questão. Nessa perspectiva, seriam pertinentes interpretações acerca da validade ou da invalidade dos argumentos pelos quais Sócrates refuta as definições dos interlocutores; também pertinente seria o diagnóstico do problema socrático, de Gregory Vlastos, da falta de legitimidade de Sócrates para saltar da constatação da inconsistência do conjunto de teses assumidas pelo interlocutor para a falsidade da sua primeira proposição.

O que se entrevê é que a prova da inconsistência do conjunto de teses assumidos pelo interlocutor não leva a uma prova da falsidade da primeira definição, e que a falta de defesa do ponto de vista do interlocutor é uma falha de justificação, que tisa a pretensão de conhecimento do interlocutor, o qual passa a saber que não sabe, ou, pelo menos, perde a certeza que tinha de que conhecia.

O ponto é que o objetivo de Sócrates não era, pura e simplesmente, encontrar uma boa definição de temperança, ou conduzir *Cármides* ou *Crítias* até ela, situação em que se deveria exigir de Sócrates um engajamento

construtivo no exame, com o uso de uma argumentação válida e consistente, visto estar incumbido na prova da definição; ao contrário, Sócrates pretendia demonstrar que, se o Cármides admite ter a propriedade de ser temperante, deve saber definir o seja a temperança, o que envolve dar razões para defender sua definição, e afastar os eventuais vícios argumentativos do refutador (Sócrates).

Dessa forma, o problema do Cármides, em *Cármides*, é que Sócrates não quer examinar qual a definição correta de temperança, antes quer demonstrar que, para Cármides admitir ser ou ser chamado de temperante (ou para Crítias atribuir a alguém a temperança), deve dar conta de definir e defender sua definição, afastando as refutações eventualmente impertinentes.

L. Aryeh Kosman⁸³ aventa uma réplica de Cármides à refutação socrática:

Você não entendeu a quietude de que estou falando, responde Cármides. Refiro-me à maestria silenciosa que pode caracterizar qualquer ação, rápida e lenta, enérgica ou descontraída, alta ou suave; Refiro-me à calma e suave retidão do mestre espadachim, calígrafo, sofista, redator de rodas, que por si só torna possível sua atuação rápida e vigorosa. Você pensa que não estou me movendo rápido; quero dizer não acelerar. Quero dizer a quietude calma que é saber quem você é, o que deseja, como fazê-lo; isso é sempre admirável. E é por isso que a hesukhia da qual falo, entendida corretamente por meus amigos e professores aristocráticos como associada a uma reverência modesta e ao autoconhecimento de que o deus fala, é a sophrosune sobre a qual você pergunta.

Essa defesa da definição, que Cármides não fez no primeiro argumento, corresponderia à justificação da sua opinião, que, se feita a escol, implicaria no convencimento acerca da sua verdade, aproximando-se do estatuto do

⁸³ Kosman, L. Aryeh, "Sophrosune as Quietness" (1973). The Society for Ancient Greek Philosophy Newsletter. 270. <https://orb.binghamton.edu/sagp/270>, p.11. No original, lê-se: *You haven't understood the quietness I'm speaking of, replies Charmides. I mean the quiet mastery which may characterize any action, fast and slow, energetic or leisurely, loud or soft; I mean the quiet, smooth rightness of the master swordman, calligrapher, sophist, wheelwright, which alone makes possible their acting swiftly and vigorously. You think I mean not moving fast; I mean not speeding. I mean the calm quietness which is knowing who you are, what you want, how to do it; that's always admirable. And that's why the hesukhia of which I speak, rightly understood by my aristocratic friends and teachers to be associated with modest reverence and the self-knowing of which the god speaks, is the sophrosune after which you ask.*

conhecimento, que posteriormente será formulado por Platão em Teeteto (conhecimento como juízo/opinião verdadeira justificada).

Esta leitura, possível dentre das inúmeras leituras possíveis do texto platônico, buscou uma ressignificação do problema com que o ocupa o diálogo, através de uma generosidade radical na interpretação do *diálogo*, considerado uma obra de arte filosófica perfeitamente acabada, em que os próprios eventuais vícios argumentativos praticados por Sócrates no decurso do diálogo servem a um propósito educativo filosófico, do qual são protagonistas não somente seus personagens (*in casu*, Cármenes, Crítias, Sócrates, etc.), mas também o leitor, o qual é convocado a assumir uma postura crítica e dialógica na leitura do texto.

Este aspecto dialógico entre o texto e o leitor é ressaltado pelo fato de o diálogo ser uma narração, feita por Sócrates para alguém (o leitor?), que da experiência sai admirado, sem saber o que significa temperança, nem se dita virtude é por si possuída.

5. Referências bibliográficas

- ARISTOTLE. Topics. 100b23. Tradução de Robin Smith. Oxford University Press, 1997.
- AUSLAND, Hayden W. Forensic characteristics of socratic argumentation. *In*: SCOTT, Gary Alan (edited). Does Socrates have a method?: rethinking the elenchus. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2012, p. 37-60.
- BENSON, Hugh H. Socratic Wisdom. The model of knowledge in Plato's Early Dialogues. New York: Oxford University Press, 2000.
- BENSON, Hugh. H. O método da dialética de Platão, p. 92-104. *In*: BENSON, Hugh H. Platão. Tradução de Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BRANQUINHO, João. Enciclopédia de termos lógico-filosóficos. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRICKHOUSE, Thomas C. and SMITH, Nicholas D. Socrates. *In*: SHIELDS, Christopher. The Blackwell Guide to Ancient Philosophy. Wiley-Blackwell, 2003, p. 54-69.
- COPI, Irving M. Introdução à lógica. 2. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- DANCY, R. M. Definições platônicas e formas. *In*: BENSON, Hugh (organizador). H. Platão. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 79-91.
- DESJARDINS, Rosemary. [Why Dialogues? Plato's Serious Play.](#) *In*: GRISWOLD, Charles L. (ed.). [Platonic Writings/Platonic Readings.](#) Pennsylvania State University Press, p. 110-125.
- Dicionário grego-português (DGP): vol 2. Equipe de coordenação Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotii, Maria Helena de Moura Neves. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- DINUCCI, Aldo Lopes. O elenchus como o principal instrumento da pedagogia socrática. Revista Saberes. Natal, RN, v. 1, n. 1, dez. 2008, p. 5-16.
- DORION, Louis-André. Socrate. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- GEACH, Peter. "Plato's Euthyphro: an analysis and commentary". *In*: GEACH, Peter. Logic matters. Oxford: Basil Blackwell, 1972, p. 31-44.

- GERSEN, Jeannie Suk. The socratic method in the age o trauma. In: https://harvardlawreview.org/wp-content/uploads/2017/10/2320-2347_Online.pdf, acesso em 02.12.2019.
- HADOT, Pierre. Exercícios espirituais e filosofia antiga. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.
- HARRAH, David. Review. Nuel D. Belnap Jr., An analysis of questions: Preliminary report. Technical Memorandum 1287, System Development Corporation, Santa Monica, 1963. *Journal of Symbolic Logic*, 37(2), 1972, p. 420-421.
- KNEALE, William; KNEALE, Martha. The development of logic. New York: Oxford University Press, 2008.
- KOSMAN, L. Aryeh, "Sophrosune as Quietness" (1973). The Society for Ancient Greek Philosophy Newsletter. 270. <https://orb.binghamton.edu/sagp/270>, p.1-11.
- NAILS, Debra. A vida de Platão de Atenas, p. 17-27. In: BENSON, Hugh (organizador). H. Platão. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 17-27.
- PAULA NETO, Otavino Candido de. O exame socrático (εφεξετασι) da temperança (σωφροσυνη) no Carmides de Platão. 2014. 146 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- PLATAO. Cármides. LÍsis. Tradução de Carlos Alberto Nunes; editor convidado Plínio Martins Filho; organização Benedito Nunes & Victor Sales Pinheiro; texto grego John Burnet. 3. Ed. rev. e bilíngue. Belém: ed.ufpa, 2015.
- PLATO. Complete works/Plato. Edited, with introduction and notes by John M. Cooper. Indianapolis/Cambridge: Hacket publishing company, 1997.
- ROBINSON, Richard. Plato`s earlier dialetic. Second edition. Oxford: Clarendon Press, 1953.
- ROSS, David. Plato`s theory of ideas. Chapter I - The order of the dialogues. 1-10. Oxford: Clarendon Press, 1951.
- SANTAS, Gerasimos Xenophon. Socrates. The arguments of the philosophers. London and New York: Routledge, 1999.
- SANTOS, José Trindade. Introdução, p. 5. In: PLATÃO. Teeteto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

- SCHMID, Walter T. *Plato's Charmides and the socratic ideal of rationality*. New York: State University of New York Press, 1998.
- SCOTT, Gary Allan. Introduction, p. 1-16. *In: Does Socrates have a method? Rethinking the elenchus in Plato's dialogues and beyond*. SCOTT, Gary Alan (edited). *Does Socrates have a method?: rethinking the elenchus*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2012.
- STRAWSON, P. F. *Introduction to logical theory*. London: Methuen & Co Ltd, 1964.
- TUOZZO, Thomas M. *Plato's Charmides. Positive elenchus in a "Socratic" dialogue*. New York: Cambridge University Press, 2011.
- VLASTOS, Gregory. *The Socratic elenchus: method is all*. *In: VLASTOS, Gregory. Socratic Studies*. Edited by Myles Burnyeat. New York: Cambridge University Press, 1994, p. 1-29.
- VLASTOS, Gregory. *Socrates, Ironist and Moral Philosopher*, Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- WHITEHEAD, Alfred North. *Process and reality*. New York: Free Press, 1979.
- YOUNG, Charles. *O elenchus socrático*. *In: BENSON, Hugh (organizador). H. Platão*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 66-78.